HISTÓRIA E MEMÓRIA DA IGREJA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DA PARAÍBA

Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia
Departamento de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) e Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
scocuglia@terra.com.br

Marieta Dantas Tavares
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
marieta_dt@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa acadêmica sobre a Igreja da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba, uma das primeiras edificações oficiais construídas no Brasil colonial. Até o século XIX, estas instituições centralizavam e detinham poderes religiosos, administrativos e políticos. Prestavam também serviços de assistência aos pobres e desamparados. Destaca-se um patrimônio arquitetônico, histórico e cultural de valor inestimável enquanto testemunho da formação da região Nordeste e da história da cidade de João Pessoa. A divulgação desta pesquisa representa um esforço de registro histórico e memorial complementado com a elaboração de um arquivo digital (documentos e imagens inéditos).

Palavras-chave: Patrimônio. História. Memória.

Abstract

This article presents the results of an academic research on the Igreja de Santa Casa de Misericórdia da Paraíba, one of the first constructed official constructions in colonial Brazil. Until century XIX, these institutions centralized religious, administrative and politicians' powers. They also gave assistance services to the abandoned poor persons. A distinguished architectural, cultural patrimony is described as a certification of the formation of the Northeast region and the history of the city of João Pessoa. The publicity of this research represents an effort of historical and memorial register with the elaboration of a digital archive (unknown documents and images).

Keywords: Patrimony. History. Memory.

Introdução

A Igreja da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba foi fundada por Duarte Gomes da Silveira em meados do século XVI e está situada na antiga Rua Direita, hoje Rua Duque de

Caxias, no centro histórico da cidade de João Pessoa. Essa edificação foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 25 de abril de 1938, inscrita no n° 41 do Livro de Tombo das Belas Artes. Nos seus primórdios, a Santa Casa de Misericórdia também possuía o Hospital de Caridade e o Cemitério da Cidade de João Pessoa. Há registros desta edificação, datados do ano de 1589, na obra "Novo Orbe Seráfico" de autoria do Frei Antonio Maria de Jaboatão e do ano de 1595 na ata da "Visitação do Santo Ofício" [1].

Durante o Império Português, foi rápida a difusão das Santas Casas de Misericórdia e antes de 1750 elas estavam instaladas em Portugal, Brasil, África, Índia, Japão, Arábia, Pérsia, Indochina, China e Indonésia. Em pouco mais de cem anos espalharam-se por todo território português e alargaram as suas competências na área da assistência pública, sobretudo pela incorporação dos hospitais, transformando-se em um dos maiores símbolos de poder do período colonial. Organizavam-se institucionalmente como Irmandades [2] e eram instaladas nas Capitanias Reais e em algumas poucas Vilas de importância estratégica dentro dos objetivos da colonização portuguesa.

As Santas Casas de Misericórdia se tornaram instituições fortes nas colônias portuguesas graças às suas ações sociais e da relação mantida com o poder monárquico. Laurinda Abreu, em sua pesquisa sobre estas instituições, afirma que

> No ultramar as Misericórdias foram instituições fundamentais como instâncias de garantia do sistema de assistência pública, instrumentos moralizadores das comunidades, núcleos de poder local e, portanto, estruturas homogeneizadoras de um império espacialmente descontínuo e

[1]BARBOSA, Cônego Florentino. *Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.
[2]Conforme o dicionário eletrônico Wikipédia, confrarias (irmandades ou ordens terceiras) são associações religiosas de **leigos** no **catolicismo** tradicional que se reuniam para promover o culto a um **santo**. Surgiram na **Europa** durante a **Idade Média** e espalharam-se nas colônias portuguesas. Foram um elemento importantíssimo da vida na **América**. No **Brasil**, as confrarias de negros estão na origem do **sincretismo religioso** dos cultos afro-brasileiros como o **Candomblé**. As confrarias são grupos de pessoas que se associam, geralmente pela vizinhança, que promovem a devoção e o **culto** a um **santo**, representado por uma **relíquia** ou imagem. Fonte: disponível em <www.wikipedia.org> em 2 de julho de 2008.

> com especificidades tão diversas como as que se refletem nos modelos institucionais e administrativos adotados.[3]

Dessa forma, a fundação das Misericórdias no Brasil fez-se ao ritmo da colonização, à medida que os novos territórios adquiriam importância econômica. A primeira Santa Casa de Misericórdia foi a de Santos, fundada por Brás Cubas. Logo após foi criada a de Salvador, fundada por Tomé de Sousa, em seguida a de Olinda, por João Paes Barreto e, posteriormente, a Santa Casa de João Pessoa.

De todo conjunto arquitetônico que constituía a Santa Casa de Misericórdia da Paraíba restou apenas a Igreja. Sua localização, em uma das ruas mais antigas de João Pessoa e ponto estratégico para definição do traçado urbano primordial, é indicação da importância urbanística e social. A atual Rua Duque de Caxias, antiga Rua Direita no núcleo da Cidade Alta, serviu como área residencial da aristocracia rural e abrigou as principais sedes do poder religioso desde o seu traçado inicial.

A história da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba apenas começa a ser re-escrita. Seus registros estão dispersos e uma parte significativa da documentação foi destruída no período da invasão holandesa [4].

As Santas Casas de Misericórdia: origem e expansão no reino de Portugal

O surgimento das Santas Casas de Misericórdia é cercado de dúvidas, sobretudo quanto ao processo que levou ao seu aparecimento e a forma como decorreram as suas primeiras décadas de funcionamento. Segundo a pesquisadora Laurinda Abreu [5] "uma das poucas certezas que se tem, quanto aos seus primórdios, é de que se formaram como associações de leigos, por leigos governadas, e a de que encontraram eco junto à Corte".

As pesquisas fundamentadas nos poucos registros documentais remanescentes indicam que a primeira Santa Casa da Misericórdia teve origem em Portugal no final do século XV. Sua fundação costuma ser atribuída ao Frei Miguel de Contreras com o apoio da rainha Dona

---

[3] ABREU, Laurinda. *O Papel das Misericórdias dos "Lugares de além-mar" na Formação do Império Português*. Évora: Editora Universidade de Évora, 2001.
[4] BARBOSA, Cônego Florentino. *Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

[5]ABREU, Laurinda. *O Papel das Misericórdias dos "Lugares de além-mar" na Formação do Império Português*. Évora: Editora Universidade de Évora, 2001.

Leonor, viúva do rei de Portugal Dom João II. Em 15 de agosto de 1498 teria sido fundada a confraria da Misericórdia sob a real proteção de Dona Leonor que teria mandado edificar o Hospital de Caldas da Rainha e com a colaboração de seu irmão Dom Manuel I, então rei de Portugal, dado prosseguimento às obras de instalação do Hospital Real de Todos os Santos, iniciado por Dom João II em 1492, bem antes da confirmação legal da Irmandade da Misericórdia de Lisboa em 29 de setembro de 1498. Somente em 1502 teria sido instalado o Hospital Real de Todos os Santos que tinha por fim concentrar todos os hospitais e hospícios da capital portuguesa.[6]. A partir de então, com o patrocínio régio, a Santa Casa espalhou-se pelo império português, tornando-se a Irmandade leiga de maior poder e uma marca da colonização portuguesa. (foto 01)

Foto 01: Primeiro Hospital Real de Todos os Santos (Lisboa-pt). Fonte: disponível em <http://www.scml.pt> em 20 de maio de 2006.

A respeito dos locais de implantação destas instituições, em um primeiro momento as Misericórdias se instalaram nas terras onde havia uma maior ligação com a Casa Real ou onde a presença do rei era mais freqüente. Em seguida, foram criadas Irmandades em outras vilas e

[6]CABRAL, Jacqueline. *Santa Cada da Misericórdia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:< http://www.santacasarj.org.br/>. Acesso em: 25 ago. 2006.

cidades, muitas vezes a partir de um processo impulsionado por pressões régias. Na maior parte dos casos a população e as elites locais aproveitavam recursos disponibilizados para este fim, e em outros foram as Câmaras a promover a sua criação. No Brasil a fundação de Santas Casas iniciou-se com a colonização efetiva do território, bem como com a valorização econômica das diferentes regiões.

Isabel dos Guimarães Sá [7] considera que foram três os vetores que organizaram a implantação das Misericórdias: em primeiro lugar, a formação seguiu os tempos de implantação das comunidades portuguesas nas áreas de expansão, ou seja, a criação das Santas Casas pressupunha a formação de vilas coloniais estruturadas e variava de acordo com as diferentes configurações do Império ao longo do século XVI ao XVIII. Em segundo lugar, a instalação das Misericórdias nos territórios administrados pelos portugueses em conseqüência da expansão ultramarina foi simultânea à difusão das Misericórdias na Metrópole. Nesse sentido, não formaram um sistema testado no Reino e, em seguida, exportado para as colônias. A sua difusão se alastrou de forma simultânea. Em terceiro, registra-se que a cronologia da implantação das Misericórdias seja difícil de precisar com rigor porque não há documentação de apoio ficando impraticável a definição de datas precisas.

A respeito dessas dificuldades de precisão sabe-se que as Misericórdias não foram fundadas por alvará régio, embora contassem com a proteção do rei que, por sua vez, concedia inúmeras vantagens à organização e implantação. Muitas vezes as populações locais tomavam a iniciativa da criação de Santas Casas, restando esclarecer quais seriam os grupos de pessoas responsáveis pela promoção, seriam os funcionários régios ou o governo local?

Os elementos arquitetônicos: um modelo de arquitetura oficial?

As Santas Casas da Misericórdia portuguesas e brasileiras, em seus primórdios, eram simples salas de oração, parte dos edifícios das Confrarias, que se distinguiam pela riqueza da decoração interior. À medida que as Irmandades adquiriam fortuna e prestígio, começavam a construir um edifício urbanisticamente isolado, ocupando eixos viários de destaque, junto de um largo ou praça central, na proximidade do pólo cívico da Câmara e do Pelourinho, ou seja, ocupavam locais privilegiados que marcavam territorialmente sua condição social e jurídica.

[7]SÁ, Isabel dos Guimarães. *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

Em nossas pesquisas de referências bibliográficas, a única menção que encontramos sobre a existência de um modelo de arquitetura que teria sido seguido para construção das Misericórdias foi na literatura portuguesa, em Rafael Moreira[8], que analisou uma amostragem de 120 exemplares de Igrejas das Santas Casas de Misericórdia e elaborou uma tipologia dessas igrejas. Segundo este autor, uma morfologia inventada e testada em Portugal e suas colônias teria se expandido, sobretudo no final do século XVI e início do XVII. É interessante observarmos que alguns das características arquitetônicas identificadas nos edifícios construídos para as Misericórdias em Portugal também foram reproduzidos nas Misericórdias do Brasil embora não seja possível concluir que tais elementos constituíam um modelo ou um tipo específico de Igrejas Misericórdias, mas muito mais elementos de uma arquitetura austera então em voga. Vejamos algumas dos principais elementos destacados por R. Moreira (2000):

- São construções de grande limpidez de linhas a tender para a pura articulação de sólidos geométricos que se assinalam exteriormente pelas proporções verticais, empena em frontão liso triangular e sineira simples ou torre-campanário.
- O foco de atenção visual concentra-se no portal axial e nos laterais, sendo o frontispício objeto de tratamento plástico especial, com elementos decorativos e iconográficos que tendem a entrar em contradição com a estrutura arquitetônica: motivos figurativos, linhas curvas, inscrições.
- Portal principal de composição clássica, com ordens de colunas de traçado erudito (jônicas e dóricas, normalmente) e entablamento ornamental que é sobressaltado por um painel retangular, ou nicho, com a representação da Nossa Senhora da Misericórdia, emblemas heráldicos, datas, lápides funcionais.
- Internamente, nave única pouco profunda, de proporções a tender ao duplo quadrado em caixa lisa com separação da circulação do espaço litúrgico da cabeceira por alto embasamento e balaustrada com escada ao centro ou laterais, de degraus e pavimento de pedra rica lustrosa.
- Altares laterais pouco freqüentes, coro alto (em geral posterior) e púlpito único em pedra a meio da nave com grande destaque, além da iluminação por frestas altas e cobertura de madeira lisa.

[8] MOREIRA, Rafael. *As Misericórdias: um patrimônio artístico da humanidade*. In: *500 Anos das Misericórdias Portuguesas: Solidariedade de Geração em Geração* Lisboa: Comissão para a comemoração, 2000.

- Tribuna dos mesários em varanda inserida na parede ou na bancada lateral comprida junto ao altar, sempre a uma cota mais alta que a nave.
- Parede fundeira preenchida, por composição em arco do triunfo que unifica o altar-mor e os dois laterais, pouco profundos ou a face, e consequentemente ausência ou atrofiamento da capela-mor.
- Revestimento interior cerâmico, evoluindo do azulejo enxaquetado [9] ao de padrão ou tapete e a ciclos figurativos de grande qualidade. [10]

Apesar destas características comuns, concordamos com Isabel dos Guimarães Sá [11] no sentido de que não há um modelo arquitetônico oficial ou um padrão imposto como norma. Existiam regras de atuação semelhantes seguidas de acordo com as funções religiosas e sociais das Misericórdias. Raramente encontram-se todas essas características no mesmo edifício, mas a tendência geral é de uma crescente riqueza interior, tanto na decoração com azulejos como na pintura dos forros que contrasta com a simplicidade arquitetônica dos exteriores, aspectos identificados de um modo geral na arquitetura religiosa dos primórdios do período colonial. Portanto, consideramos válida a afirmação de que existem variantes regionais das igrejas das Misericórdias espalhadas por diferentes países, considerando-se ainda que as mesmas sofressem acréscimos e alterações ao longo dos séculos.

Santa Casa da Misericórdia da Paraíba: aspectos da fundação da cidade e da Irmandade

Após vários dias de luta para tomar o território paraibano dos índios Potiguaras e de firmar um acordo de paz, fato que selou a conquista pelos portugueses em 1585, iniciou-se a escolha e a demarcação da *Capitania Real da Parahyba*. Para a realização desse acordo de paz e a escolha do sítio onde seria formada a cidade vieram João Tavares e Duarte Gomes da Silveira.

---

[9] Eram aplicados entre os séculos XVI e XVII, compõem-se principalmente por azulejos monocromáticos em alternâncias de duas cores (branco-azul ou branco-verde), onde se revela uma malha de força diagonal e grande dinamismo visual.

[10] MOREIRA, Rafael. *As Misericórdias: um patrimônio artístico da humanidade*. In: *500 Anos das Misericórdias Portuguesas: Solidariedade de Geração em Geração* Lisboa: Comissão para a comemoração, 2000. pp. 158-159.

[11] SÁ, Isabel dos Guimarães. *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

Duarte Gomes da Silveira - pernambucano casado com Eugênia Tavares, filha de João Tavares, primeiro governador da Paraíba - foi encarregado de escolher o sítio para a construção da Igreja da Misericórdia, como descreve o Diretor da Capitania Elias Herckmans em citação reproduzida pelo historiador Luiz da Mota Menezes:

> Segue-se a Misericórdia. Está quase acabada; os portugueses servem-se dela em lugar de matriz. O seu fundador foi Duarte Gomes da Silveira, Senhor de Engenho, que a construiu às suas custas, assim como tem promovido a edificação desta cidade, auxiliando com dinheiro a muitos moradores que desejavam construir casas. Ele próprio levantou um magnífico prédio do lado ocidental do convento de São Bento para lhe servir de casa [12].

Não é possível precisar a data de construção da Misericórdia na cidade de João Pessoa, assim como é o caso da grande maioria das igrejas dessa Irmandade. Porém, podemos afirmar que ela já existia desde o século XVI, constando dos registros da visitação do Santo Oficio à Paraíba, realizada no ano de 1595, segundo anotação do Livro de Tombo da Igreja de Nossa Senhora das Neves. Há, ainda, uma descrição contida na Relação de Diogo de Campos Moreno, na qual é feita menção à Igreja da Misericórdia, registro datado de 1609, vinte e quatro anos após a fundação da cidade, como mostra outro trecho destacado por Luiz da Mota Menezes:

> Nesta povoação, a que chamam cidade, há três mosteiros, com seus frades, a saber, um de São Francisco, que bastava, mui bem acabado e capaz de muitos religiosos, um do Carmo, que se vai fazendo, e um de São Bento que se fabrica e uma Casa da Misericórdia mui bem lavrada e a Sé mais pobre que todas, porque não é particular [13].

Quanto ao hospital que dava frente para a Rua Visconde de Pelotas, antiga Rua das Mercês, e era interligado à Igreja, também não podemos precisar a data de construção, mas

[12] MENEZES, José Luiz Mota. *Algumas Notas a Respeito da Evolução Urbana de João Pessoa*. Recife: Pool, 1985.
[13] Ibidem.

sabemos, a partir do Relatório da Santa Casa de 1965, que o mesmo já existia desde a formação da Irmandade na cidade de João Pessoa.

Santa Casa da Misericórdia da Paraíba: função social e situação urbana

As Santas Casas de Misericórdias seguiam o Compromisso de Lisboa, com modificações mínimas ditadas pelas condições locais. Esse Compromisso de 1516 organizava-se em torno das chamadas 14 obras de caridade, sete espirituais e sete corporais inspiradas pelo Evangelho consignado segundo São Mateus. As espirituais: 1 - ensinar os ignorantes, 2 - dar bons conselhos, 3 - punir os transgressores com compreensão, 4 - consolar infelizes, 5 - perdoar as injúrias recebidas, 6 - suportar as deficiências do próximo, 7 - orar a Deus pelos vivos e pelos mortos. As corporais: 1 - resgatar cativos e visitar prisioneiros, 2 - tratar dos doentes, 3 - vestir os nus, 4 - alimentar os famintos, 5 - dar de beber aos sedentos, 6 - abrigar os viajantes e os pobres, 7 - sepultar os mortos.

Na cidade de João Pessoa, a Irmandade também adota, inicialmente, o compromisso da Santa Casa de Lisboa, ou seja, assume todas as obrigações que estavam contidas nas obras corporais e espirituais, pois em âmbito nacional foi somente a partir do século XVIII que as Santas Casas de Misericórdias brasileiras começaram a elaborar seus próprios compromissos. Um pouco mais tarde, a Santa Casa da Paraíba também elaborou o seu, conforme se pode ler no Relatório da Santa Casa, de 1965:

> O Compromisso de 1860 foi substituído pelo de 1913, que chegou até os nossos dias. Em 1960, foi adotado um resumo de toda a legislação anterior, com o nome de Estatuto da Santa Casa. A atual Provedoria, logo de início de sua gestão, solicitou das Santas Casas de Olinda, do Recife, da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, Santos e Belo Horizonte a legislação pelas quais ainda se regem essas congêneres. No intuito de atualizá-la, adaptando-a as necessidades locais... (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1965, p. 7)

Desse modo, a Santa Casa de Misericórdia em João Pessoa exercia suas funções de acordo com o Compromisso e desde o princípio foi destinada não só aos ofícios religiosos como também ao cuidado com os doentes, com as crianças "expostas" (órfãs, frutos de relações extraconjugais, abandonadas etc.), com as pessoas de extrema necessidade, com os presos e ao sepultamento de escravos e condenados a morte.

Para realizar estas funções as Santas Casas de Misericórdia apresentavam fontes de rendimentos variáveis. Em João Pessoa, por exemplo, a Irmandade era proprietária de diversos imóveis no centro da cidade, além de sítios e fazendas. A grande maioria dessas propriedades era alugada ou arrendada para gerar recursos. Destacam-se no trecho do Relatório da Santa Casa de 1906, os seguintes dados:

> O patrimônio da S. Casa consta de nove prédios situados nesta cidade; de uma propriedade, também na Capital, a principiar do rio Sanhauá e estendendo-se até o rio Jaguaribe, o domínio útil do Sítio Cruz do Peixe, com suas terras e prédios e um pequeno lote denominado Araçá, na praia de Lucena. (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1906; p. 14)

Outra função desenvolvida pela Santa Casa de Misericórdia de João Pessoa era a de cuidar dos presos. Uma atividade importante para todas as Misericórdias. A ajuda era restrita aos presos pobres e era tarefa da Irmandade coletar as esmolas destinadas ao sustento dos prisioneiros. Segundo o Relatório da Santa Casa de 1858, foi possível identificar que em João Pessoa "Cumprio a Irmandade o antigo, e religioso costume de sair á pedir esmolas para estes infelizes, percorrendo na quarta feira de trevas algumas ruas da Cidade, e sendo bem acolhida pelos fiéis." (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1858; p. 14)

Havia também os serviços fúnebres, que eram uma das atividades mais importantes e lucrativas das Santas Casas de Misericórdias. Na cidade de João Pessoa a Irmandade exercia com exclusividade este serviço, enterrando pobres, escravos e pessoas que ocupavam posições sociais em destaque na sociedade da época, conforme se pode observar em mais um trecho de um dos relatórios da Santa Casa que fazem parte das nossas pesquisas e de um arquivo que organizamos em forma digital "Tendo a Santa Caza o direito excluzivo de ceder catacumbas para o enterramento, mediante uma taxa, ocorrerão casos durante o ano compromissal, que mostrão a necessidade de providencias, para não se illudir este direito." (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1858; p. 13)

As Misericórdias também distribuíam um auxílio mensal àqueles que mais necessitavam. No entanto, o beneficiado deveria retribuir de qualquer maneira seja rezando pela salvação da alma do doador seja ajudando nas atividades assistenciais da Irmandade.

Os empréstimos de dinheiro a juros também eram uma forma de obtenção de rendimentos para as Misericórdias. De uma maneira geral, as Santas Casas guardavam o

dinheiro em arcas com várias fechaduras, cujas chaves ficavam com pessoas diferentes. Em João Pessoa, a justificativa para iniciar a prática de empréstimos a juros teria sido justamente a falta de segurança dos cofres, conforme confirmamos no trecho a seguir

> Existe um cofre de trez chaves mas a dificuldade está na sua guarda. Talvez por meio de uma operação de credito se pudesse não obter as necessárias seguranças, e garantias para o dinheiro do estabelecimento, como auferir algum lucro em vantagem d´elle. (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1858; p. 18).

O cuidado com os expostos (órfãos, crianças abandonadas, bastardos) foi resultado de negociações entre as santas Casas de Misericórdias e as Câmaras. Em João Pessoa, apesar de não se tratar de uma das sete obras corporais obrigatórias, a Irmandade da cidade assumiu essa tarefa, enfrentando dificuldades para cumpri-la com eficiência e qualidade, segundo os registros destacados nos trechos subseqüentes "A falta de um estabelecimento apropriado continuam as creanças expostas a ser confiadas a mulheres pobres, que se encarregam de pensal-as, mediante a retribuição de 7.000 réis mensaes." (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1889; p. 06).

A arquitetura da Igreja da Santa Casa da Misericórdia da Paraíba

A Igreja da Misericórdia da Paraíba é uma obra de meados do século XVI e caracteriza-se pela simplicidade volumétrica da fachada e certa rusticidade construtiva. Possui planta baixa em nave única pouco profunda, de proporções que tendem ao duplo quadrado, sendo esta a parte inicial da construção datada do século XVI. Possui capela-mor, capela lateral (Salvador do Mundo), altares-colaterais e galeria lateral. **A fachada principal (oeste)** apresenta-se em estilo chão português desde a sua fundação no século XVI. Nesta fachada, por sua vez, há um corpo central que se impõe, de maior altura, é arrematado por um frontão triangular liso, coroado por uma cruz. O frontispício conta com uma porta almofadada de duas folhas. Na altura do forro, apresenta duas pequenas janelas e acima um óculo. À esquerda, um campanário recuado possui duas janelas em arco pleno e um telhado de quatro águas. No mesmo alinhamento da fachada encontra-se a roda dos expostos com um trabalho em cantaria. Destaca-se ainda na fachada principal, em posição recuada, a lateral da capela do Salvador do

Mundo com uma porta em duas folhas, verga reta e beiral. É importante notar a marcação em cantaria correspondente ao tamanho primitivo da capela do Salvador do Mundo (Foto 02).

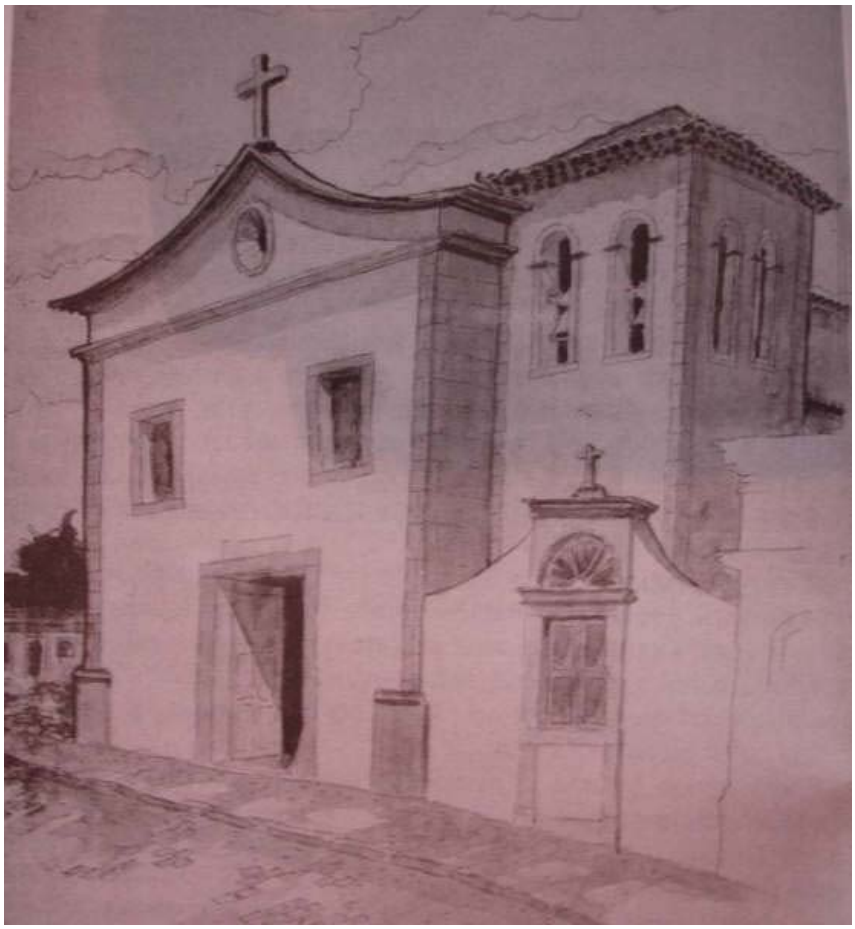

Foto 02 – Desenho em aquarela da Igreja da Misericórdia. Fonte: Seixas, 1987.

A **fachada posterior,** de alvenaria de pedra, apresenta-se sem aberturas, com telhado em duas águas encimado por uma cruz. A **fachada lateral direita** apresenta uma porta almofadada com duas folhas, verga curva e ombreira. Logo acima, na altura do coro, há três janelas sendo a primeira com verga reta e ombreira e as outras duas em verga curva. No andar superior há três janelas de dimensões diferentes, mas todas em vergas retas. A Capela do Salvador do Mundo possuía quatro janelas de vergas retas sendo as duas primeiras vedadas com alvenaria (foto 03). A f**achada lateral esquerda** é a mais recente e a que sofreu mais alterações ao longo do tempo. Atualmente apresenta o térreo com três portas em arco pleno, com ombreiras e duas folhas, além de uma quarta porta em verga reta e de menor dimensão. Na parte superior cinco janelas de vergas retas e ombreiras, além das duas janelas da torre do campanário em arco pleno.

Foto 03: Igreja da Misericórdia de João Pessoa após o término da restauração (2007). Fonte: Marieta Tavares

Os e**lementos internos** desenvolvem-se em volumes diferenciados. Apresenta uma nave única e capela-mor separadas por um arco cruzeiro que pousa sobre colunas e se impõe pela nobre estrutura em cantaria encimada por um brasão português que coroa seu fechamento. No caso da Igreja da Misericórdia, o arco não ocupa toda a largura da capela-mor, funcionando simultaneamente como elemento de interligação entre a capela-mor e a nave, uma divisão de ambientes. O arco cruzeiro, em arco pleno, é o principal vão de estrutura interna da igreja. A capela-mor apresenta-se em forma retangular com desníveis que a separam do restante da Igreja. O local onde se situa o altar-mor corresponde ao local de permanência do sacerdote durante a celebração do ato religioso enquanto o atual presbitério funcionava como passagem, estabelecendo a circulação entre nave, capela-mor e anexos. O altar-mor primitivo foi totalmente modificado e substituído por outro em alvenaria e madeira no estilo eclético, executado pelo construtor Antônio de Souza Gama em 1919. A Igreja da Misericórdia

apresenta também altares colaterais, sendo importante salientar que apenas o do lado direito do arco cruzeiro encontra-se executado em pedra de cantaria (foto 04).

Foto 04: Nave Central. Fonte: Marieta Tavares.

No lado esquerdo do arco cruzeiro fica a Capela do Salvador que possui uma simplificação compositiva e um tamanho reduzido em relação às outras dependências da Igreja, acrescida provavelmente em meados do século XVII devido à situação do lote ou à disponibilidade de recursos. No segundo pavimento da Igreja da Misericórdia, o coro alto posterior é sustentado por duas colunas em blocos maciços de pedra (foto 05). Apresenta duas janelas retas e acima um óculo cortado pelo forro da igreja que identificamos ter sido colocado posteriormente, conforme os trechos dos Relatórios da Santa Casa dos anos de 1889 e 1965 reproduzidos abaixo:

> O templo reclama varias obras necessárias para prestar-se dignamente ás augustas cerimônias do culto. Apenas a Capella-Mór e a Sacristia estão

forradas; o mais permanece em telha vã. (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1889, p.03) O fôrro veio muito tempo depois e, bem assim, o piso de mosaico. (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1965, p.09).

Foto 05: Detalhe das tribunas. Fonte: Marieta Tavares.

A restauração da Igreja: descobertas, mudanças e registros

A restauração da Igreja da Misericórdia foi realizada pelos alunos da Oficina-Escola de João Pessoa, um projeto da Comissão Permanente de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa e recursos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN,

em conjunto com a Agência Espanhola de Cooperação Internacional – AECI, Governo do Estado da Paraíba e Prefeitura Municipal de João Pessoa. Durante o processo de restauração foram realizadas pesquisas arqueológicas no seu interior e a partir desses estudos, o arqueólogo responsável pela obra, Antônio Carlos de Lima Canto, juntamente com a equipe de profissionais envolvidos, estudaram as possibilidades evolutivas da planta baixa.

Segundo estes estudos, a evolução da planta baixa da Misericórdia revelou cinco etapas, entretanto como não foi possível precisar com exatidão os locais das aberturas é conveniente alertarmos que se trata de um estudo esquemático de formação da Igreja da Misericórdia em João Pessoa. Na primeira etapa, a igreja era constituída apenas de Capela-mor e nave. Na segunda etapa, primeira metade do século XVII, houve o acréscimo da Capela do Salvador do Mundo, na qual foram sepultados Duarte Gomes da Silveira e sua esposa, Fulgência Tavares. Na terceira etapa, segunda metade do século XVII ou início do século XVIII, foram identificados elementos arqueológicos que indicam ter havido a ampliação da Capela do Salvador do Mundo e a construção de uma segunda sacristia. No lado sul da Igreja houve a construção de uma galeria lateral, uma torre sineira e uma roda dos expostos. Na quarta etapa houve a ampliação do hospital com o aumento das dependências e a formação de um pátio interno. Para que tal reforma fosse realizada, uma parte da galeria lateral foi destruída. Essa ampliação ocorreu no ano de 1859 marcado pela visita do Imperador à Paraíba. Na quinta etapa, em 1924, com o crescimento da cidade e a necessidade de um hospital que correspondesse à demanda ampliada do aumento populacional, teve início a demolição do antigo hospital e para substituí-lo foi iniciada a construção do atual hospital Santa Isabel. No local antes destinado ao antigo hospital e ao cemitério da Irmandade, a Santa Casa optou pela construção de novos imóveis para aluguel, como uma forma de captação de recursos.

As transformações sofridas na fachada da Igreja da Misericórdia não a afetaram substancialmente, permanecendo os traços essenciais característicos do estilo chão português, com linhas simples, volumes austeros e planta a tender ao duplo quadrado. Dessa forma, a fachada atual do monumento é, em linhas gerais, a mesma fachada original. Durante a realização da pesquisa iconográfica, identificamos indícios, pistas que nos levaram a refletir sobre alterações efetuadas ao longo dos séculos como se pode observar numa foto de Walfredo Rodrigues de 1877, fonte referencial para o desenho da fachada da Misericórdia que identificamos nos arquivos do IPHAN da Madalena em Recife-PE, no qual há a inserção de um elemento triangular coroando a portada principal da Igreja (foto 06). Este elemento não

estava presente em imagens datadas de períodos anteriores [14], muito embora não seja suficiente para afirmarmos se tratar de uma alteração do modelo original, do qual não dispomos de imagens. Outras alterações podem ser datadas e documentadas a exemplo do ano de 1908 quando houve a abertura de duas portas na fachada principal. O Relatório da Santa Casa do corrente ano explicam estas alterações.

> Em virtude da resolução da Mesa Administrativa foram abertas duas portas na fachada da Igreja, o que era reclamado não só para o embelezamento, como para satisfazer as exigências da higiene, quanto ao ar que pouco se renovava, e a luz que dificilmente se difundia no interior do edifício. Sobretudo nos dias de festividades mais se experimentava a ação incomoda e pouco saudável do ambiente. (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1908, p.06).

Foto 06: Desenho da Fachada da Misericórdia. Fonte: IPHAN de Madalena em Recife-PE, s/a.

[14] SEIXAS, Wilson Nóbrega. *Santa Casa da Misericórdia da Paraíba 385 anos*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1987.

Nessa época, além das três portas em vergas retas, identificamos mudanças com duas janelas na altura do coro também modificadas com vergas em arco pleno, com duas folhas envidraçadas e o balcão em ferro. O óculo foi fechado e em seu lugar surgiu um vitral central que interrompia a cornija do frontão triangular (foto 07).

Foto 07: Fachada da Misericórdia antes da intervenção do IPHAN em 1938.Fonte:Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, s/a.

Assim como a fachada e o interior, o entorno da Igreja da Misericórdia passou por mudanças ao longo dos séculos. Destacaremos a seguir apenas as intervenções que mais fortemente alteraram a posição da edificação no espaço urbano da cidade. A principal delas foi em 1924 com a demolição do antigo hospital (foto 08) e momento no qual foram alugados

os lotes vizinhos da Igreja como fonte de recursos. No local do antigo do hospital e do cemitério surgiram ao longo dos anos edificações comerciais com funções diferenciadas (foto 09). Outra mudança significativa no entorno da Igreja da Misericórdia aconteceu em 1974 quando foi iniciada a construção de um viaduto na rua lateral à fachada norte. A obra provocou o aumento do tráfego e comprometeu a estrutura da Igreja, ocasionando rachaduras em alguns pontos do templo.

Foto 08: O Hospital de Caridade sendo demolido.Fonte:Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa,s/a.

Foto 09: Fachada Norte da Misericórdia com as construções vizinhas. Fonte:Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, s/a.

Foi somente em 1938, época do tombamento do monumento, que o IPHAN decidiu intervir na fachada para que ela voltasse a ter a configuração original (foto 10). A partir do tombamento, a fachada da Misericórdia permaneceu sem nenhuma intervenção até o ano de 2003 quando começaram obras de restauração da Igreja, concluídas em 2007.

Foto 10: Fachada Atual da Misericórdia de João Pessoa. Fonte: Marieta Tavares.

Breves considerações finais

Até o século XIX, as Santas Casas de Misericórdia foram instituições fundamentais a manutenção das colônias portuguesas. Centralizavam e detinham poderes religiosos, administrativos e políticos. Foram também algumas das poucas instituições a prestar serviços de assistência aos pobres e desamparados. Destaca-se no caso da Santa Casa de Misericórdia na cidade de João Pessoa um exemplar da arquitetura deste período, um patrimônio arquitetônico, histórico e cultural de valor inestimável enquanto testemunho da formação da região Nordeste e de grande parte da história da cidade de João Pessoa e do Brasil.

Gostaríamos de reiterar que, para além da importância arquitetônica, o estudo e divulgação das pesquisas sobre a Santa Casa de Misericórdia representam um importante registro histórico e memorial materializado neste artigo e na elaboração de um arquivo digital que contam parte da história da Irmandade e da cidade de João Pessoa. O arquivo digital foi elaborado a partir dos documentos que encontramos em estado de degradação intenso nos

porões do Hospital Santa Isabel. Durante a realização de nossas pesquisas, fotografamos e fizemos, às duras penas, o registro digital de todos os relatórios referentes à Santa Casa de Misericórdia que estão disponíveis aos órgãos de patrimônio da cidade de João Pessoa e aos alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba para serem utilizados como fontes de pesquisa em futuros estudos.

Referências Bibliográficas

ABREU, Laurinda. *O Papel das Misericórdias dos "Lugares de além-mar" na Formação do Império Português*. Évora: Editora Universidade de Évora, 2001.

BARBOSA, Cônego Florentino. *Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

CABRAL, Jacqueline. *Santa Cada da Misericórdia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:< http://www.santacasarj.org.br/>. Acesso em: 25 ago. 2006.

MENEZES, José Luiz Mota. *Algumas Notas a Respeito da Evolução Urbana de João Pessoa*. Recife: Pool, 1985.

MOREIRA, Rafael. *As Misericórdias: um patrimônio artístico da humanidade*. In: *500 Anos das Misericórdias Portuguesas: Solidariedade de Geração em Geração* Lisboa: Comissão para a comemoração, 2000.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *Santa Casa da Misericórdia da Paraíba 385 anos*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1987.

Recebido em 05.09.2009. Aprovado em 10.11.2009.